

POEMA PARA O CÔA

por

Vítor Oliveira Jorge

há duzentos séculos
sobre o rio sereno
dois cavalos, em todo o brilho do seu dorso,
vieram entrelaçar
as suas cabeças.
foi aqui que isso aconteceu e aqui ficaram,
fixados no xisto,
ouvindo
ao longo das estações
o mesmo ruído
do escorrer da água.

e por todo o vale,
bois e veados selvagens
responderam-lhes
silenciosamente.
hoje
as suas cabeças revelam ainda
o último mugido
antes de penetrarem definitivamente
na pedra.

passados duzentos séculos
foi-me dado ouvi-los,
entre o ruído dos motores,
as ruínas da paisagem ferida,
as desencontradas palavras.

pude assistir ao crime
limpo, técnico, justificado.
com números insofismáveis,
com processos infalíveis,
cada um dos senhores bem postos,
excepcionalmente bem intencionados,
dava a sua solução para a chacina.
agonia lenta, milhares de gritos,
que uma água agora traiçoeira
ia pouco a pouco calando.

e o vale contorceu-se nos seus meandros
como uma gigantesca serpente
ferida de morte.
a mesma serpente que fenece
na amazónia, no coração da áfrica,
no delírio da dança.
em tudo quanto é alegria e juventude
do mundo.

e de novo me surpreendeu a inércia cúmplice
dos que sabiam o que estava a acontecer.
mas foram para casa tratar das suas vidas.

ficámos uns poucos, e eu tinha apenas
uma pistola de palavras.
contra o entardecer,
a placidez do rio,
a disparei.
e de todas as pedras saíram de novo
milhares e milhares de animais
que atroaram o vale com o seu tropel.
vi o seu olhar divino embebido
de morte.
perderam-se no céu, tingido de sangue.
deus abandonara-os, e abandonara-nos.

onde, daqui em diante,
encontraríamos paz?